

Bush proíbe tortura sobre suspeitos de terrorismo

O Presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, emitiu ontem uma ordem executiva banindo o tratamento desumano e práticas de

tortura sobre quaisquer suspeitos de terrorismo interrogados pelas autoridades norte-americanas. www.publico.pt

**Economia portuguesa voltou a acelerar em Junho Economia, página 42****A Europa precisa de mais 500 mil cientistas**

Ana Gerschenfeld e Teresa Firmino

Mais jovens, mais mulheres, mais imigração. São três das propostas dos Vinte e Sete para aumentar o número de investigadores na Europa

● Ontem, no fim da reunião que trouxe a Lisboa os ministros da Ciência dos 27 países da União Europeia (UE), Mariano Gago disse quantos cientistas são precisos para que a economia europeia possa competir, lado a lado, com os Estados Unidos ou o Japão. “Falta meio milhão de investigadores na Europa”, avançou o ministro português, que dirigiu a reunião no âmbito da presidência portuguesa da UE.

Onde ir buscar tanta gente altamente qualificada? Gago deixou algumas pistas do debate que está a ser feito: “É preciso flexibilizar as políticas de imigração europeias para os estudantes e para as pessoas mais qualificadas na área da ciência e tecnologia.”

A ideia é atrair para o espaço europeu jovens cientistas que não tenham condições de trabalho nos seus países, acrescentou o ministro numa conferência de imprensa onde esteve presente o comissário europeu da Investigação, Janez Potocnik.

“Estamos numa posição de crescimento ligeiro, muito ligeiro, do número de cientistas na Europa. As nossas ambições são de crescimento mais acelerado”, disse Gago. “As más notícias são que só temos 5 a 5,5 investigadores por mil trabalhadores, enquanto nas grandes economias que competem com a UE estes números

situam-se em cerca de oito por mil”, especificou. “Os Estados Unidos têm tido a capacidade de aumentar, de maneira sustentada, os recursos humanos qualificados em ciência e tecnologia, porque o seu balanço de importação de recursos tem sido positivo.”

Nos Estados Unidos há nove investigadores por cada mil pessoas activas e no Japão dez por mil. No caso português, o número total de pessoas activas a tempo inteiro em investigação e desenvolvimento (I&D) em 2005 era de 25.453, (20.858 das quais investigadores). Entre 2003 e 2005, o aumento do número de cientistas foi de 3,04 por cento.

Outra forma de ir buscar os 500 mil cientistas que faltam é continuar a atrair os jovens europeus para as áreas científicas. “É uma enorme oportunidade para criar emprego qualificado e atrair para as profissões científicas jovens com talento da Europa e de todo o mundo.”

O papel das mulheres na investigação, que é reduzido em muitos países,

Os PIB da ciência

1,84 %
do produto interno bruto (PIB) foi quanto os 27 países da União Europeia investiram em ciência e tecnologia em 2005

3 %
do PIB global é a meta que a União Europeia estabeleceu, no âmbito da Estratégia de Lisboa, para 2010 (um por cento em dinheiros públicos e dois por cento em investimento do sector privado)

2,6 %
do PIB é o que se espera, na realidade, atingir em 2010, segundo disse ontem o comissário europeu para a Investigação, Janez Potocnik

também foi debatido na reunião. “É um problema grave na Europa. Não é possível haver um número significativo de recursos humanos sem que as mulheres tenham uma participação significativa.” Não é o caso de Portugal, mas em países como a Alemanha há poucas mulheres na ciência. Mudar esta situação passa pela promoção do acesso das mulheres à carreira científica, criando condições que lhes permitam, nomeadamente, conciliar a vida profissional com a família.

Todo este debate se alicerça na Estratégia de Lisboa, lançada em 2000, que pretende fazer da ciência o motor de uma Europa mais desenvolvida. Para tal, em 2010, a Europa teria de investir em I&D três por cento do PIB. Não atingirá essa meta. Ontem, o comissário europeu declarou que esse valor deverá ficar-se pelos 2,6 por cento. Quanto a Portugal, a meta fixada é duplicar o investimento público em I&D e triplicar o privado para atingir, em 2010, dois por cento do PIB. Em 2005, Portugal investiu 0,81 por cento do PIB em I&D (0,50 desse investimento é público).

O orçamento comunitário para a ciência – 54 mil milhões de euros, entre 2007 e 2013 – traduz a aposta que está a ser feita na Estratégia de Lisboa. “Foi menos do que o desejável, mas é um crescimento enorme do orçamento”, sublinhou Gago.

O debate sobre os dinheiros para a ciência vai agora incidir na articulação das políticas europeias com as políticas nacionais. “Todos os países querem investimentos maiores e uma aposta nas pessoas e na qualidade”, disse Gago. “Mas não há nenhum país que se possa salvar sozinho. Todos precisam dos outros, dos recursos, das tecnologias, dos mercados e das ideias dos outros.” O comissário resumiu poeticamente a situação: “Pela primeira vez, temos uma frota de 27 navios a avançar na mesma direcção.”



CARLA CARVALHO TOMAS

Gago quer um crescimento acelerado dos investigadores europeus

Governo Prodi consegue acordo nas reformas

Rute Barbedo

● O Governo e os sindicatos italianos chegaram ontem a um acordo sobre as pensões de reforma, após horas de negociações, noticiou a Reuters. Perante o maior défice económico da União Europeia, a população mais envelhecida do continente e uma reduzida taxa de natalidade, a questão das pensões apresenta-se como um dos maiores desafios da coligação de centro-esquerda do primeiro-ministro, Romano Prodi. A proposta, contudo, ainda terá de passar no Parlamento.

As medidas iniciais sugeriam uma subida da idade mínima de reforma dos 57 anos actuais para os 60 anos em 2008 e os 62 em 2014. Isso pouparia cerca de nove milhares de milhões de euros por ano, até 2010. Mas o acordo alcançado envolve uma mudança mais moderada: em 2008 a reforma seria possível aos 58 anos, e em 2013 aos 60 anos. As mulheres



Primeiro-ministro Prodi diz que acordo permite um sistema equilibrado de pensões a longo prazo

continuam a poder reformar-se mais cedo que os homens. A operação, que visa reduzir o défice do Estado a longo prazo, levará, mesmo assim, a custos de dez milhares de milhões de euros em dez anos, mas Prodi assegurou que os gastos serão compensados por outras medidas.

O sistema actual, deixado pelo Governo do ex-primeiro-ministro, Silvio Berlusconi, permite que os trabalhadores italianos se reformem aos 57 anos se tiverem trabalhado durante 35 anos, o que foi considerado financeiramente insustentável pela actual coligação. A aprovação do plano de Prodi pelo seu gabinete foi rápida, embora a ala mais à esquerda da coligação tenha levantado objecções. “O Governo cedeu notoriamente a pressões do governador do Banco de Itália, do [lobby industrial] Confindustria e da ala conservadora da coligação”, declarou o comunista Oliviero Diliberto. O acordo, diz Prodi, oferece “novas possibilidades para os jovens e um sistema equilibrado de pensões a longo prazo”, respeitando as reduções de despesas dos cidadãos. A política de poupança italiana é obrigatória se o país quiser reduzir o défice, no cumprimento das imposições de Bruxelas.

O Banco de Itália previu uma evolução demográfica preocupante: em 2020, para cada 100 trabalhadores italianos haverá 53 pessoas com mais de 60 anos (possivelmente reformados, na sua maioria) e este número vai aumentar para 83 até 2040. Em 2005, a proporção era de 42 pessoas com mais de 60 anos para 100 elementos da população activa.

Moscovo responsabiliza Brown pela crise diplomática

Isabel Gorjão Santos

● O ministro russo dos Negócios Estrangeiros, Serguei Lavrov, considera que Gordon Brown é responsável pelo conflito diplomático entre a Rússia e o Reino Unido que resultou do “caso Litvinenko”. Diz que o primeiro-ministro britânico “precisa de encontrar a sua própria linha” depois de ter assumido o poder.

Na quinta-feira a Rússia anunciou que iria expulsar quatro diplomatas britânicos. Foi uma resposta à expulsão de quatro diplomatas russos anunciada, na segunda-feira, pelo Reino Unido. Esta decisão britânica deveu-se ao facto de a Rússia ter recusado a extradição de Andrei Lugovoi, o principal suspeito pela morte de Alexander Litvinenko, ex-espião russo que morreu envenenado, em Novembro, num hospital londrino.

Litvinenko tinha nacionalidade britânica, por isso o Reino Unido pediu a extradição do suspeito pela sua morte. Lavrov disse à AFP que a Rússia não viu “qualquer documento” britânico contra Lugovoi. “Não temos qualquer documento que nos mostre por que razões o acusam.”

Um porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, considerou que Lugovoi é “um dos suspeitos” pela morte de Litvinenko. Para o Reino Unido é o principal suspeito. Por isso, o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, David Miliband, afirmou



Serguei Lavrov considera que o primeiro-ministro britânico “precisa de encontrar a sua própria linha”

ser “completamente injustificada” a decisão russa de expulsar diplomatas do Reino Unido. Para o Presidente russo, Vladimir Putin, esta é “uma minicrise” diplomática.

Lavrov afirmou ontem, em Berlim, à agência Interfax que a Rússia está “disposta a normalizar” as relações com Londres. “Essas relações devem basear-se no respeito pelos interesses de cada um e no bom senso, e nós estamos preparados para isso”.

O homem que está no centro de toda a polémica, Andrei Lugovoi, foi entrevistado por uma rádio em Moscovo, onde lhe perguntaram se estava preparado para enfrentar um processo na Rússia. “Sim, claro”, respondeu. “Na carta do procurador russo ao Reino Unido a recusar a minha extradição foi escrito que estão prontos a avaliar o caso, se o Reino Unido enviar provas”, adiantou. “Só

que não têm qualquer prova.”

Lugovoi tem negado sempre a sua responsabilidade na morte de Litvinenko. Encontraram-se num hotel em Londres mas “Litvinenko não comeu nem bebeu nada”, disse Lugovoi, citado pela Reuters, para negar que o envenenamento do ex-espião russo com polónio-210 tenha ocorrido nessa ocasião.

Na noite de quarta-feira, um outro episódio marcou as já tensas relações diplomáticas entre os dois países: foram detectados bombardeiros russos no Mar do Norte em latitudes “pouco habituais”, entre o Reino Unido e a Noruega. “Há muito tempo que não víamos aviões russos tão a sul”, disse à AFP Jon Inge Oegland, porta-voz do Exército norueguês. A Noruega e o Reino Unido fizeram descolar caças F16 “para identificar os aviões e marcar o espaço aéreo norueguês”.